JUNTOS ETERNAMENTE

THAFFA SILVA

JUNTOS ETERNAMENTE

1 EDIÇÃO

DE ACORDO COM AS NOVAS NORMAS

ORTOGRÁFICAS

Copyrigth © 2022 por Thaffa Silva

MÍDIAS DO AUTOR:

INSTAGRAM: @autor_thaffa.silva

FACEBOOK: Thaffa Silva

Um instante

Um instante te olhei
Te vi por fora e por dentro
Conheci o teu ser, tão puro e límpido.

Um instante
Te desejei
Te amei
Te devorei
Te acalmei
Te dei carinho
Te beijei
Apenas em instantes
Uma vida contigo formei.

do pensamento de Ravine.

CAPÍTULO 01

PEDIDO DE AMIGA: A CARTA

"A única coisa que sei é que as ondas desse imenso mar o qual estou visualizando em um olhar observador e penetrante, me trazem um som tão inspirador que penso que o mesmo me trará um alguém que eu o ame de uma forma prazerosa e intensa"

Ravine acabou de pensar sentada na areia do mar, vendo o infinito. Ela parecia estar nitidamente concentrada e nem havia percebido que as pessoas passavam ao seu lado. E nem queria saber delas. Queria mesmo meditar com os seus pensamentos. Não tinha outro interesse.

Nesse dia, tinha saído mais cedo do colégio e, acompanhada dos amigos, resolveu dar um passeio não muito longo pela orla da Praia de Iracema. Depois de uma semana completamente desgastada e cansativa pela rotina escolar, preferia ligar o seu corpo, principalmente a sua alma ao mar, já que vivia estudando e, como estava prestes a concluir o ensino médio, não tinha muito tempo para "farrear" com os amigos. Podia, no entanto,

até ter tempo, mas sabia e reconhecia que não daria muito atenção para os estudos, uma vez que desejava ser escritora. Então, fugia desses programas, embora fossem mais envolventes do que ficar umas 5 horas em sala de aula ouvindo os professores aplicarem o conteúdo no quadro; escrever, calcular e, quando chegava em casa, a mesma coisa se repetia, embora tivesse um computador com internet e pudesse acessar, mas queria mesmo se focar unicamente em seus estudos.

Alice, Erasmo e Susi, seus amigos não demoraram muito tempo, não. Já estavam cansados de caminhar, ver a paisagem, as pessoas... Cada um apresentou suas justificativas: Alice afirmou que sua mãe tinha uma enorme preocupação com ela, mas se aprofundou no pro quê; Erasmo se queixou de uma forte, não muito forte, dor de cabeça e que tinha que tomar seus "compridos" para amenizar suas freqüentes dores de cabeças e, por fim, Susi, que queria chegar logo em casa para assistir um de seus programas favoritos: o jornal do meio dia. Sendo assim, Ravine ficou sozinha ali.

Ravine observava cada casal que se passava diante de seus olhos de mãos dadas, conversando sobre assuntos os quais ela não sabia, não podia ouvi-los. Viu que alguns estavam rindo; outros somente abraçados. Por um instante, desejou no meio deles também. Ravine e um alguém. Os dois de mãos dadas, muito felizes, tão sorridentes, falando sobre o amor que cada um sentia pelo o outro. Aquilo era algo bem bonito e inexplicável. O seu olhar mudou: parecia uma estrela cadente.

Realmente ela estava em total êxtase. Era o que mais queria: estar naquele momento com um alguém, mas não está. Por que??? Se perguntava a moça. Imagens de um ser que poderia existir, mas só existe mentalmente. Um rapaz muito bonito, másculo, vaidoso, cada de macho. Ela poderia até gozar de tanto prazer imaginando um homem assim... e, claro, não podia, nesse momento de pensamento, faltar uma canção. O mar emitia um som mais que agradável e alguns poemas começam a inundar a cabeça dela:

Desejei-te diante do mar
Queria-te abraçar, corpo e alma juntos.
Queria sentir o gosto da tua boca
E duas línguas, uma grande explosão!

Desejo me entregar a ti entre essas ondas
Faremos amor até o amanhecer
Poderíamos morrer de tanto amar
E é assim que eu quero!

Ravine tinha o dom para pensar e toda vez que estava diante do mar, recitava seus poemas só para si. Não queria que ninguém escutasse, talvez achassem ela uma louca, ou um eterna apaixonada, ou uma poeta. Ela imagina uma cena e na mesma hora cria um poema para aquele determinado momento. Na escola, costumava escrever poemas e também os recitavam para toda a turma, que á congratulavam, admirando a sua eminente capacidade na criação de poemas sentimentais e melancólicos.

Subitamente, o celular de Ravine toca, interrompendo seus pensamentos. Ela puxa dentro da bolsa e imediatamente verifica quem está ligando para ela. Na tela escrito o nome de Aline:

- Oi, Aline... – disse Ravine fechando o zíper da bolsa.

- Oiiieee... – disse Aline sonoramente em um tom forte, continua: onde você está?

- Inda estou aqui na praia.

- Ainda ai? – espantou Aline: pensei que você já estava em casa. Tava querendo mesmo falar contigo... Um assunto ai.

- É? Mas o que era? Qual é o assunto? – quis saber, expressão curiosa, porém, sem muito entusiasmo. Reflete consigo.

- Amiga... Eu queria um favorzinho seu...

- Aline... Já conheço esses teus "favorzinhos". – disse se tocando. Deu uma risadinha, normal. Depois prosseguiu: se é pra escrever cartas de amor é comigo mesma. – novamente dar uma risadinha, mas agora o tom muda. Um pouco alto.

- Amiga... To tão triste, desanimada... – a voz de Aline embargada. Ficou um tanto baixa.

- o que aconteceu? – perguntou Ravine achando que Aline havia se decepcionado com alguém. Então, aguarda saber o que realmente atormenta a amiga.

- O Leonardo... Eu... Eu acho que ele me esqueceu... Ele nunca mais me ligou... tô quase achando que ele tem outra, esta gostando de outra garota. Ai que tédio! – disse a moça com a voz já alterada. – o que eu faço?

- Como é que ele te esqueceu se vocês dois nem estão namorando? – deu uma risada, como se risse de algo engraçado, de uma piada.

- Ah, sei lá. Eu acho. Ele não comenta mais sobre a minha pessoa. Queria demonstrar o que sinto por ele, sabe? Não agüento mais esconder que gosto dele! É muito ruim ficar o tempo todo olhando pra ele e não ter a chance de dizer, de uma vez por toda que gosto dele. Você me dar essa forcinha, Ravine? – pediu Aline, com um tom cansado.

- Engraçado, eu costumo ajudar todo mundo quando o assunto é amor e eu nunca tive a sorte de ninguém me amar. Por que será, hein? Será que por que sou feia? – Ravine fez uma careta e, no seu profundo ser, sua alma, necessitou de uma resposta.

- Não, amiga... Eu acho e creio que todos nós temos a metade de nossa laranja. E talvez ainda não seja o tempo para você viver e conhecer o amor verdadeiramente. Um dia o seu amor chega amiga. – afirmou Aline.

- Será que serei feliz no amor? – a pergunta era em um tom de quem está descrente nesse assunto.

- Como é que será? Não fique pensando assim... Você sabe conquistar todos com o seu jeito simples de ser. E quem é que não se apaixona por você com os poemas que você escreve? Qualquer homem se apaixona. – levantou o autoestima da amiga.

- Se apaixonar por meus poemas e não por minha pessoa, você quis dizer, né?

- Os poemas também, óbvio. Mas eu falo de você mesma, alguém que vá gostar de você por sua beleza, simplicidade, talentos e qualidades, entendeu? – falou firme.

- Talvez você tenha razão. Minha mãe também sempre fala o que você disse: o que importa são as qualidades. E também tudo tem o seu tempo.

- E quando é que fará a minha carta? Já estou na expectativa de ler, ta? – disse Aline e depois deu uma pequena risadinha.

- Vou ver se consigo fazer hoje à noite, ta? Pois ainda tenho que terminar um trabalho de historia. – finalizou.

- Ah, já sei: o tema é Guerra Fria e Bloco Capitalista? E a professora é a Diva dos óculos fundo de garrafa? – perguntou Aline, rindo debochadamente. Está se divertindo.

- Oh, Aline! Deixe disso! – Ravine não gostou nem um pouco do comentário da amiga e, continua: não se por que você costuma apelidar os professores que são tão legal com você, lhe ajudam

quando precisa... Não acho legal tratá-los dessa forma.

- Sei lá, eles são engraçados. Só isso! – falou simplesmente. Dado de ombros.

- Acho que você tem que respeitar todos eles, independente de serem, ou não engraçados, Aline. – falou em tom sério.

- Você sempre educada...

- É uma de minhas qualidades.

- Ravine... amiga o papo tava bom, mas agora vou ter que desligar. Mais tarde, volto a te ligar pra saber o andamento da carta de amor. Tá beleza?

- Tudo bem, então. – sutilmente.

- Tchau. – disse Aline.

-Tchau.

Ravine desligou o celular e fiou caminhando no calçadão alguns instantes. Se cansou e pegou um ônibus não muito lotado. Sentou-se no banco de trás e começou a observar quem entrava, quem passava na catraca. Reparou, inclusive que o trocador era um rapaz muito bonito e de vez enquanto dava uma olhadinha para ele, que nem olhava para ela, mas sim para os outros passageiros que estavam entrando. Mais adiante subiu um rapaz muito mais bonito que o trocador o qual Ravine estava a prestar atenção. Ela imaginou correndo com ele na areia do mar. Ele á segurava

pelos braços e ela sorria, alegremente. Mais um poema vai surgindo no pensamento de Ravine:

Nos teus braços vou à loucura
Me bate um desespero, medo de cair
Mas tuas mãos não me deixam se ferir
E me leva pra qualquer lugar.

Nos teus braços sinto segurança
Nos teus braços viajo
Nos teus braços permaneço
Nos teus braços sou só tua.

Ravine, de olhos fechados, frisa lindas imagens. Abre os olhos. O rapaz não está mais em sua visão.

CAPÍTULO 02

PENSAMENTOS DE RAVINE

Ravine chegou em casa ás 11:30 da manhã. Percebeu que sua mãe havia saído e supôs que ela fora fazer exames de rotina no ginecologista, e o seu pai Alberto estava trabalhando e só chegará á noite, depois das 19 horas. E como não tinha ninguém em casa, ela gostava de se isolar em seu quarto, onde conseguia dormir e, ás vezes, assistir televisão e aumentar o volume na altura que quisesse. Como tinha que executar uma atividade do colégio e a carta que Aline a mandou escrever, abriu o som quase no último volume e pegou o caderno. Trancou á porta do quarto, deitou na cama e começou a escrever a carta de sua amiga:

A vida tem lá seus mistérios... Nos trás diversos amores, bons e ruins. Ela me trouxe um amor especial. Você, Leonardo! Estou imensamente satisfeita com esse presente da vida. Embora a gente ainda não tenha provado do

amor, é como se eu conhecesse a tua alma e o teu corpo por inteiro.

Ás vezes fico pensando que ama outra pessoa pelo fato de não prestar atenção em mim. Imagino que não gostas de mim, que tem preferência pelo papo de outra garota. Bobagens de minha cabeça, claro. Não ligue para o que eu penso. Mas eu te digo: sei que sentes algo por mim, sim, eu sei que sente! O meu coração está me dizendo toda vez que me olhas com aquele olhar tão lindo, tão mágico! Eu diria sedutor. Gosto do teu olhar! Ou será que estou enganada? Será também que estou errada em demonstrar todo o meu sentimento através desta humilde carta?

Perdoe-me! Ninguém manda no coração quando ele está completamente e perdidamente apaixonado. Realmente não temos o total controle nem para medi-lo quanto mais para impedi-lo a dizer o que sentimos.

Leonardo... Sei que você deve me achar uma garota muito imatura em relação a esta carta, mas as palavras as quais estão sendo escritas aqui, nesta carta, são todas verdadeiras. Elas vêm de um ser confiante que o amor nunca acaba, ele é eterno, irá perdurar até em outra existência.

A nossa história não tem um: Era uma vez, como num conto de fadas. Tudo aqui é realidade, é o que estou vivendo. Queria muito poder te tocar, te abraçar, te ter em meus braços e até te beijar. Ah, como eu queria, como eu queria... Nossas almas no mundo do amor, livres correndo em caminhos floridos. Nossos corpos um no outro,

conhecendo a si mesmo, gozando o amor com perfeição. Sinto o teu sabor, sonho contigo e quero amá-lo e ser feliz ao seu lado.

Me dê essa chance em tentar amar-te, garanto que não se arrependerás jamais. Eu não tenho nenhum medo de amar, tenho medo de sofrer longe de quem eu amo.

Beijos no coração!

Aline Antunes

Ravine finalizou a carta de amor que sua amiga Aline pediu. Nesse mesmo instante, imaginou como seria Aline mandando alguém entregar a carta ao dito cujo que ela tanto lhe fala.

Aline, ansiosa, na sala de aula. Se levanta da sua carteira e vai falar com Ravine, que está na fileira da frente, próximo a lousa.

- Ravine... – disse Aline com a voz baixa. Não queria que ninguém ás ouvisse.

- Sim. – respondeu Ravine, virando-se.

- Eu não posso entregar a carta ao Leo... – falou Aline se agachando em frente a amiga, que está sentada e dá uma remexida. – Será que você entregando não seria legal? – perguntou meio sem jeito em um tom preocupado.

- Mas eu??? – espantou Ravine, quase com os olhos arregalados. Depois, foi acalmando essa expressão e sua voz permaneceu indecisa: - Ele pode, sei lá, pensar que eu estou gostando dele,

embora quando lesse a carta deixasse de pensar em mim. Sei lá, ele pode pensar...

- Talvez nem pense! – deu de ombros Aline. – depende muito da maneira a qual você vai entregar.

- Como assim? – não entendeu Ravine.

- Se você entregar a carta sem encará-lo, ele pode pensar que você está nervosa, e ai sim ele pode pensar que você está "gostando" dele...

- Eu não quero que isso aconteça jamais! – cruzou os dedos e, depois concluiu: - pode ficar tranqüila que irei encará-lo como seu eu tivesse leve...

- Que bom, amiga!

- O que eu não faço para ver a felicidade de uma amiga querida, não é? – disse Ravine alegremente.

RAVINE: então, eu respirei profundamente, como se eu fosse enfrentar um monte de dragões, e fui entregar a carta para o rapaz que Aline estava gostando. Como será que ele reagiria quando eu lhe der a carta? Vai certamente me olhar e dar um sorrisinho, ou, simplesmente receberá tranquilamente e, como estará na presença de amigos, não vai ler naquele momento, por que, de fato, os amigos irão zoar dele, demonstrando curiosidade para saberem o que está escrito na carta. E se não tiver acompanhado com os amigos, provavelmente irá ler, ou não. Não sei.

Aline não enfeitou o pequeno envelope de modo que desse a entender que era uma carta de amor. Ela podia, no entanto, até ser um pouco infantil, mas esse sistema de querer conquistar e balançar definitivamente o coração de um homem preferia algo bem simples e discreto. Dei um vago sinal para Aline, que estava no pátio da escola e, de vez enquanto, se escondia atrás de uma coluna. Não queria que ninguém notasse a sua atitude.

Me aproximei do grupo de amigos que estava Leonardo e me parecia que todos estavam empolgados que nem notaram a minha presença. O rapaz logo notou e eu sinalizei com a Mao direita que o assunto era com ele. Ele abandonou os amigos sem ao menos dar satisfações e veio a minha direção, naquele mesmo instante, puxei do bolso de minha farda a carta e o entreguei, como se fosse algo normal.

- Mandaram entregar pra você. – entreguei com a mão direita. E olhando para os olhos dele.

- Uma carta... – disse ele sem entender, com uma voz mansa. E, antes que ele fosse fazer alguma pergunta, me afastei.

Leonardo ficou me olhando e deu um sorriso. Evidentemente, reconhecia que alguém estava interessado nele. Será que pensou que era eu? Não, acho que talvez tenha pensado na própria Aline, ou em outra garota, não sei. Sair rumo a minha sala sem prestar atenção no que ele fez com a carta. Suponho que tenha guardado no bolso.

Aline me procurou na sala e eu logo avaliei o seu estado emocional: estava tão agitada, louca

para saber como foi à cena da entrega da tal carta de amor. Estava tão pálida, sem cor. imaginei que ela teria uma sincope e notei, em seu semblante o quanto gostava de Leonardo, o famoso Léo.

- E ai? O que ele disse? – quis saber. A sua voz emitia uma curiosidade imensa. Os batimentos cardíacos estavam tão frenéticos que dava para notar de forma nítida.

- Entreguei. – fiz mistério e deixei a Aline muito curiosa que ela não quis saber de poucos detalhes.

- Sim... e o que mais? Eu quero saber o que ele disse a você! – firmou.

- Apenas falou: “uma carta” – disse sutilmente.

- Só isso??? – Aline parecia não se contentar, queria mais – Eu pensei que ele ia perguntar de quem era, algo mais... – no final sua voz já estava mais fraca.

- Nada mais que isso, amiga...

- Ai, amiga... será que ele vai ler? – um tom angustiante. – é muita emoção pra mim... Eu amo demais o Leonardo! Eu quero ele pra mim! Eu quero muito, e muito! – estava firme agora.

- Se você fizer por onde, ele será seu, amiga! Tudo depende de um esforço... – Aconselhou naturalmente.

- É verdade.

- E se você quer ele pra você, lute por esse amor. Mais saiba de uma coisa: não vá se precipitar demais e depois ficar sofrendo. O amor, embora eu ainda não tenha provado, sei que ele nos fazem sofrer, chorar e até tirar a própria vida. – fitei.

- Você acha que ele me fará sofrer? – quis saber.

- Quem sou eu pra te dizer isso, amiga? Apenas te orientei as possíveis conseqüências que o amor pode ter. E quando a pessoa que a gente ama não é da gente, a gente costuma sofrer. Não sei se o Leo será seu, você vai descobrir isso com o tempo.

Ravine pensou esse momento e elaborou um poema relacionado a tal carta:

Inútil, pode ser o que escrevi para ti
Talvez não queira saber o que sinto
A minha alma e meu corpo te chamam
Amando estou, tenho medo de me perder
Nos teus sentimentos.

Tudo contido neste papel que lerá
Vem de mim, dum coração esperançoso
Dúvidas tem, este amor será eterno?
O sorriso que tens mostrado-me é verdadeiro?
Tenho que acreditar que sim.

E se rasgar e jogar as palavras
Não esqueça que eu te amei
O meu sentimento por ti é profundo
E minha vida dedico a te glorificar

E o destino é quem sabe desse amor.

Deu 13:00h em ponto e a mãe de Ravine, dona Isadora chega e escuta o som na maior altura. Colocou as duas mãos no ouvido ao entrar na sala.

- Meu Deus! Pra quê esse som alto? – disse a mãe indo bater na porta do quarto da filha. – Ravine!!! Ravine!!! Baixe esse som já! – disse Isadora gritando e batendo sonoramente na porta do quarto da filha, que parece perdida e surda na melodia do som.

Depois de algumas batidas com mais força na porta, Ravine finalmente ouviu sua mãe gritando e quase ficando rouca, ela baixou o som. Abriu á porta e se deparou com o rosto assustado da mãe, que já lhe pergunta:

- Você está surda, menina? Eu te chamando e nada de você escutar!

- Desculpa mãe... – tentou mudar a expressão de horror na cara da mãe. – É que eu gosto tanto dessa música que eu tava ouvindo...

- Não faça mais isso, Ravine! – ordenou a mãe. – Do jeito que esses vizinhos daqui são, não sei como não chamaram á policia... Você sabe exatamente como eles são: não gostam de barulhos, e qualquer coisinha, vão logo ameaçando a gente!

- É... Não farei mais isso... Tá certo?

- O seu pai me ligou... Disse que não vinha almoçar conosco... Parece que tem uma reunião interminável na empresa e almoçará por lá. – disse Isadora sentando na cama box da filha.

Ravine começa a guardar a carta que está em cima da cama e coloca o papel dentro de uma página do livro de matemática de modo que sua mãe não preste muito atenção. E realmente estava nervosa com medo que a mãe olhasse a carta, mas Isadora não estava interessada em ler nada. Parecia que um cansaço tomava conta de si, pois o seu médico era do outro lado da cidade.

- E ai? Como foi consulta? – perguntou a filha.

- A mesma coisa de sempre. – disse Isadora se levantando da cama. – Bom... Eu vou descansar um pouco e já, já preparar o almoço. – falou saindo do quarto e entrando na sala.

Isadora entrou no seu quarto. Ravine, como já tinha finalizado a carta que Aline lhe pediu, começa a executar as atividades da escola. Concluiu às 14 horas em ponto, e foi almoçar com sua mãe. Nesse dia, o almoço saiu mais tarde por que Isadora tinha ido ao médico e ainda teve que descongelar um frango que estava pedrado dentro da geladeira, o que também facilitou a demora para o almoço sair. Depois que Ravine almoçou, dormiu a tarde inteira e, quando acordou, já era 17:00h. Pegou o seu celular e viu uma chamada perdida de Aline. Resolveu retornar a ligação:

- Oi, Aline...

- Oi, amiga... – disse Aline.

- Aconteceu alguma coisa? – perguntou Ravine.

- Não, nada não. Só queria saber sobre a carta. Como é que ta?

- Já fiz!

- Serio? – se espantou Aline.

- Seríssimo!

- Tô super curiosa pra ler.

- Acho que você vai gostar!

- Claro que vou! Confio em você!

- Amanhã te entrego na aula... Ah! – lembra. – Quer que eu mande por e-mail?

- Hoje não dá pra eu ler pelo computador...

- Por quê? – perguntou Ravine sem entender.

- O PC daqui ta com um problema.

- Configurações? – tentou adivinhar Ravine.

- Falei com o homem que conserta computadores aqui perto de casa e ele falou que, provavelmente, seria a tal da placa manha... Na boa, não sei nem o que é isso! – deu uma risada Aline.

- A placa manha é onde ficam armazenados todos os arquivos do computador. Caso ela queime, perdem todos os arquivos, programas etc. – explicou Ravine.

- Poxa vida! Gosto tanto do meu bebê e agora que ele ta com esse problemão, tenho receio de perdê-lo...

- Não desanima, não, amiga... Vai dá certo! Converse com o homem e ele consertará o seu computador. – aconselhou Ravine.

- Ai, tomara, né? – mudou de assunto Aline: - Não vejo a hora da carta ir parar nas mãos do Leo... Acho que hoje nem durmo de tanta ansiedade...

- Imagino!

- Amiga...

- Sim...

- Agora eu... Eu tenho que desligar. Vou comprar o pão e amanhã a gente se fala.

- Tá jóia!

- Um forte abraço!

- Outro. Tchau.

Ravine desliga o celular e foi varrer o jardim de sua casa.

CAPÍTULO 03

A ENTREGA DA CARTA

Pela manhã, Ravine toma café da manhã com os pais. E, ao sair da mesa, vai pegar a mochila em seu quarto. O seu pai Alberto à chama:

- Filha... Vamos. - chamou o pai da sala.

Ravine já estava pronta para ir ao colégio e, antes que saísse do quarto, abriu uma página do seu caderno e observou por una minutinhos o envelope o qual estava a carta.

- Vamos Ravine! Vou chegar atrasado com esse trânsito terrível que está tendo todos os dias. - chamou mais uma vez o pai, avexado.

- Já estou indo... - disse Ravine guardando rapidamente o caderno dentro da mochila. Foi até a combida e pegou o pó de maquiagem. - Vou me maquiar no caminho... - disse ela já saindo na sala.

- Fechem o portão. - recomenda Isadora na cozinha ainda tomando o café.

Saíram para o jardim. Alberto ligou o motor do carro e o colocou para fora da coberta da área de

serviço. Ravine foi logo fechando o portão assim que o carro já estava fora. Trancou a fechadura e deu uma breve conferida para ver se havia fechado direito. Entrou no carro pela porta da frente.

- Hoje não posso me atrasar de jeito nenhum... - disse Alberto dirigindo um pouco preocupado e falou: - Tenho que assistir a uma palestra sobre a nova demanda da empresa. - explicou ele.

- Eu também não posso chegar atrasada... Tenho que entregar uma atividade valendo nota. Se eu não entregar, levo zero na certa! - disse Ravine se maquiando.

- Coloca ai um CD pra gente ouvir, filha. - pediu o pai.

- Vou colocar. - falou Ravine já terminando de se maquiar. Rapidamente foi colocando a caixinha do pó maquiagem numa das partes da mochila.

Ravine abre uma gaveta, que está em sua frente e pega alguns CDs. Escolhe um de músicas internacionais e o coloca no som. Dessa vez, o som não está alto como sempre gostava de escutar, pois seu pai não gostava de muito baralho e ficou um som baixo, mas dava para ouvir a música tocar.

Nesse mesmo instante, Ravine começou a pensar:

- Como eu queria no caminho encontrar o meu grande amor. Nesse trânsito que estou vendo aqui, será que eu o encontrarei? Ele na janela de um carro e, de repente, pára e me olha com tanto encantamento. Ah, como eu queria que essa cena acontecesse logo pela manhã, nesse dia... Como... Ah, talvez ele esteja em outra direção... Não a que eu vou, mas a que não estou... Será que é tão difícil encontrar o grande amor da gente? A gente nem

sabe quem é, quem pode ser, não sabemos nada. Eu fico imaginando sempre este encontro. Todos os detalhes, enfim, até a música. Sim, eu sonho como todas as garotas de minha idade, encontrar o meu primeiro amor, só que, quero encontrar o meu ÚNICO amor e não quero ter vários amores. Quero só ter um amor. Só um. Quero morrer junto ao lado de meu amor, seria uma emoção. Eu acho tão bonito aqueles casais de velhinhos andando juntinhos de mãos dadas, felizes. Quero um amor assim: que seja eterno o quanto dure.

Antes que Ravine concluísse com os seus pensamentos, o carro de Alberto acabará de furar o pneu.

- Droga! - reclamou Alberto, parando o carro.

Ravine, um pouco atordoada, pergunta:

- O que foi?

- Eu acho que o pneu furou... Logo agora, logo agora! - disse o pai com a voz de lamentação.

- E agora? - Ravine não sabia o que fazer.

- Vou ter que trocar o pneu... - disse Alberto já conduzindo o carro para o acostamento.

Alberto desce do carro para conferir o estado do pneu e concluiu que ele havia mesmo furado. Agachou-se diante do pneu e deu-lhe um murro:

- Pneu desgraçado! Vou chegar atrasado na empresa por causa de você!

Ravine vai descendo do carro:

- Posso ajudar em alguma coisa, pai? - perguntou a filha já chegando do lado do pai.

Alberto balançou a cabeça.

- Não filha... Deixe que eu resolvo... - disse ele. Depois de uns minutinhos em frente ao pneu, Alberto se levanta e puxou dentro do bolso da calça

social e preta, a sua carteira. Tirou 20 reais e entregou na mão da filha. Ele recomenda: - Vá e pegue um ônibus... Você não pode chegar atrasada no colégio...

- E o senhor vai ficar ai sozinho?

-Sim. Vai demorar pra eu tirar esse pneu furado e colocar outro... Vá... Pode ir!

Ravine deu um beijo no rosto do pai e foi pegar sua mochila no carro. Depois, saiu rumo a uma parada de ônibus que estava perto. Ela sempre, pela manhã, ia para a escola com o pai, que à deixava em frente ao portão. Mas hoje, aconteceu esse incidente e ela terá que pegar um ônibus. Rezou para não pegar uma condução lotada, mas sua reza não surgiu efeito algum: entrou em um ônibus super lotado. Aquele calor humano completamente abafado, alguns maus odores, barulho, deixava Ravine numa situação mais que desconfortável: era totalmente desagradável, e chegava até passar mal pela grande aglomeração de passageiros que necessitavam daquele meio de transporte. Então, foi se enrascando no meio deles, até encontrar um local vago, por onde viesse um ar agradável. Realmente estava pagando uma penitência.

Ravine chegou à escola um pouco atrasada, uma vez que, o ônibus que ela pegou, não passava na rota de sua escola e desceu em uma rua e foi caminhando até chegar. Conseguiu entrar na sala de aula sem que a professora chamasse a sua atenção. Sentou-se, como de costume, em frente a lousa e, olhando para os lados, tentando localizar Aline.

Aline, nesse dia, não veio ao colégio e não sabe o porquê de sua ausência. Aline não costumava faltar aula e se faltava, avisava

justificando. Mas, desta vez, Ravine busca o motivo pelo qual à fez não vim neste dia a aula. Sim, ela não podia faltar justo no dia em que entregaria a carta ao Leonardo. O que houve para que Aline não viesse à aula? Suponha-se que ela não veio à aula por que talvez tenha ficado nervosa, ou com algum receio de que algo daria errado? Ou, de fato, teria acontecido alguma coisa? Mas o que? Será que ela ficou doente e, por isso, não veio? Ravine se perguntava momentaneamente.

As horas foram se passando e nada de Aline chegar. A professora de português inicia a chamada e chega ao nome de Aline:

- Número 30, Francisca Aline Antunes da Costa. - chamou a professora olhando para ver se encontra a aluna.

A turma avisa que o número 30 não está presente na aula. Ninguém, no entanto, procurava saber o motivo da falta de Aline, mas sim Ravine, por que vai, no intervalo, entregar a tal carta de amor ao rapaz que a amiga ama.

Depois de assistir a primeira aula, soa o sino para que os alunos lanchem, conversem, brinquem de vôlei etc. Já era o intervalo agora. Ravine não podia recuar, tinha que realmente entregar a carta a Leonardo. Assim que chega no pátio, avista Leonardo. Ela já o conhecia só de vista, pois Aline o apontará algumas vezes e Ravine nem prestava muito atenção. Leonardo estava sozinho encostado em uma coluna e não estava com os colegas, como Ravine havia imaginado. O rapaz só observava a movimentação de alunos, apenas.

Ravine resolveu primeiro ir lanchar, pois saco vazio não fica em pé e, claro, tinha que está bem forte para o tal momento esperado. Acabou